

# O destino dos políticos ao sabor do regime

## Quem ganha



**Montoro** — O ex-governador Franco Montoro amarga o semi-ostracismo de quem não tem mandato, embora ostente no currículo a fama de bom de voto. Ganha mais fôlego com a mudança de sistema, pois quando o parlamentarismo começou a ganhar corpo na Constituinte, em dezembro passado, gritou de Roma, onde descansava, que mesmo assim era candidato a presidente.

**Ulysses** — Aos 71 anos, inseguro quanto às suas chances contra Leonel Brizola na hipótese de diretas já, o presidencialista Ulysses Guimarães sai lucrando com a mudança do sistema de governo. Pode inaugurar a cadeira de primeiro-ministro e dar o tom do gabinete parlamentarista com a considerável maioria do PMDB. Conseguiria dar a volta por cima diante da ameaça inevitável de perder as presidências da Câmara e do PMDB e a função de substituto eventual de Sarney.



**Ermírio** — Procura-se uma legenda. Essa é a posição do empresário paulista Antônio Ermírio de Moraes, que não pode ser candidato a primeiro-ministro, pois não é parlamentar, mas não perde a fixação pela presidência da República. Prefere o presidencialismo, mas não fará como Aureliano. Se o ministro das Minas e Energia sair de cena por causa do parlamentarismo, Ermírio pretende oferecer-se ao PFL. O PTB é uma opção cultivada com carinho, se, no final das contas, o dois mais dois do PFL não der seu nome.



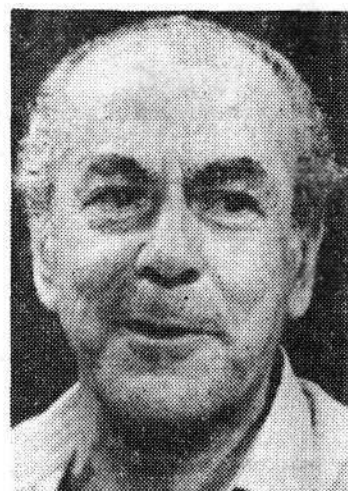
**Sarney** — Presidencialista com cinco anos e não abre. Ou será que abre? Afinal, o presidente José Sarney fez profissão de fé nos quatro anos e agora diz que tem direito a seis mas fica satisfeito com cinco. Se o parlamentarismo lhe dá azia, o mandato de quatro — e o limbo a partir de março de 1989 — dá congestão. Sarney não entregou os pontos mas reage como se ainda estivesse no PDS, chamando os militares.

**Covas** — No ano passado esteve com Brizola e Lula nos palanques das diretas. É na Constituinte um dos mais intransigentes defensores do mandato de 4 anos. Por isso, ganha apenas pela metade a vitória do parlamentarismo, que defenderá da tribuna. Mas pode salvar a outra metade influenciando na formação do Gabinete.

**Aureliano** — Está ameaçado de perder o bonde pela segunda vez. Em 1984, esperou pelo aceno do presidente João Figueiredo para se lançar candidato na convenção do PDS. Agora, atrelou sua candidatura ao presidencialismo.

## Quem perde

**O eleitor** — Se passar a fórmula do parlamentarismo-já com mandato de cinco anos, a ausência do carimbo da eleição para presidente da República no título de eleitor dos brasileiros completará 29 anos em 1989. O que fará com que haja brasileiros de 47 anos que jamais votaram para presidente. Como prova de que nem tudo que se decide na Constituinte coincide com a vontade das ruas, em maio do ano passado, quando o presidente Sarney foi à televisão dizer que queria ficar cinco anos no Planalto, o Ibope já registrava que 60% dos entrevistados do Rio e de São Paulo queriam a redução de seu mandato para quatro e a convocação imediata de eleições diretas. Em março, com a pesquisa ampliada para os 23 estados, as diretas obtiveram 53,5%. As últimas pesquisas só reforçaram o clamor por eleições. Amostragem colhida pelo Ibope entre 23 e 28 de janeiro deste ano em sete capitais — Rio, São Paulo, Curitiba, Recife, Brasília, Salvador e Fortaleza — deu 71% a favor do mandato de quatro anos, ou seja, eleição para presidente em 1988. Somente 19% dos entrevistados apoiaram os cinco anos.



**Brizola** — Perde se a votação na Constituinte der parlamentarismo, porque a eleição presidencial de seus sonhos ficará mais distante e os poderes do presidente no novo regime são modestos para suas ambições. Mas Leonel Brizola ganha uma apreciável bandeira de campanha: a luta pela volta ao presidencialismo. Além da posição de franco atirador contra o parlamentarismo, tem a promessa, apoio do PT e do PFL.

**Lula** — Embora seja parlamentarista, Luis Ignacio Lula da Silva viu-se de repente na desconfortável companhia de dois adversários de peso — Brizola e Sarney, com os quais o seu partido, o PT, tem a afinidade de preferência pelo sistema presidencialista. Como também é candidato a presidente da República e a eleição seria empurrada para mais adiante pela fórmula a ser votada terça-feira em Brasília, fica de mãos abanando, sem ter sequer, como Brizola, uma bandeira forte para sair às ruas um dia depois da mudança do sistema de governo.

